

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Maria Auxiliadora da Costa Scherbach¹
Selma Cristina Magron²
Prof. Adriane Weckerlin Bello³

RESUMO: O presente estudo surgiu da observação do Estágio Supervisionado efetuado na Escola Municipal de Ensino Básico no Município de Várzea Grande/MT. Quando se constatou o problema da utilização da contação de histórias como recurso no processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais. O objetivo deste trabalho é mostrar a importância da contação de história como recurso no processo de ensino/ aprendizagem, citar habilidades que o contador/narrador deve ter ao contar histórias e elucidar diferentes maneiras de se contar histórias. Utilizou-se de pesquisa de campo e pesquisas qualitativas bibliográficas de autores consagrados versados no tema, entre eles: Abramovich, (1987), Kraemer (2008), Zilmerman (2003) com isto pretende-se demonstrar os resultados obtidos na prática e elucidar diferentes maneiras de se contar histórias.

Palavras-chave: Contação de História, Ensino/Aprendizagem, Metodologia.

INTRODUÇÃO

Antigamente, história ou estória eram duas grafias em que havia diferenças entre elas, estória era utilizada nas narrativas populares, fantasiosas, e história para relatar fatos históricos, como ciência, por exemplo. Em 1943, a Academia Brasileira de Letras decidiu que a palavra *história* deveria ser usada para ambas as situações.

A arte de contar histórias é do imaginário do homem desde os primórdios dos tempos. Todos contam histórias seja para se vangloriar, se divertir, ensinar, lembrar ou apenas para passar o tempo. A contação de histórias começou antes da escrita, embora hoje seja utilizada em registros escritos em livros, revistas em quadrinhos, passadas em filmes, mas, ainda hoje se mantêm a tradição de contar histórias entre muitos povos; sendo fundamental para a transmissão de costumes, tradições, conhecimento, valores capazes de formar um cidadão ético.

¹ Acadêmica do 8º. Semestre, período letivo 2017/1, E.mail: dorasherbach@hotmail.com UNIVAG

² Acadêmica do 8º. Semestre, período letivo 2017/1, E.mail: selmacristinamag@hotmail.com UNIVAG

³ Professora orientadora. Mestre em Ciências da Educação Ensino Superior, docente UNIVAG

A contação de histórias está ligada ao imaginário infantil, e o primeiro contato das crianças com histórias narradas é através da família que tem o hábito de contar histórias, seja de fadas, bíblicas, lendas ou apenas inventadas para entretenimento dos ouvintes. Assim, faz-se importante para as crianças ouvir histórias para desenvolver seu senso crítico, aprender a analisar, valorizar e conceituar o certo do errado, o bem do mal; se tornando um cidadão com critérios éticos e morais na sociedade em que vive.

A narração de histórias para crianças tem objetivos de despertar a criatividade e a atenção, conhecimentos e o gosto pela leitura. É, nesta idade, que se apresentam os livros escritos com gravuras e desenhos, fazendo a criança aprender com eles a escrever, a imaginar, a pensar e a descobrir o mundo.

Para Abramovich (1987), a importância de se contar histórias para criança reside no fato de que escutá-las, ou seja, é o início da aprendizagem para ser um leitor, é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar as questões (como as personagens fizeram...).

A contação de história pode ser utilizada como recurso no processo de ensino-aprendizagem desde a educação infantil para estimular o aluno a ter interesse pela leitura e, assim, desenvolver a linguagem. Em outras palavras, a contação de história como início, meio e fim de avançar na construção de conhecimento, no ensino-aprendizagem da criança; fazendo com que ela tenha um senso crítico e aguçe o seu imaginário.

Ao se abrir um espaço, na sala de aula, para a contação de histórias, todos ganham, o aluno será levado a imaginar e a criar, o professor desenvolverá uma aula agradável e produtiva, ampliando o contato com os livros e colaborando para que os alunos possam expandir seu universo cultural e imaginário. As histórias despertam imaginação, emoção e o interesse pela escrita e pela leitura, sendo uma fonte inesgotável de conhecimento em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura, à formação de alunos leitores e a futuros contadores de histórias.

O Estágio Supervisionado foi realizado, em 2016, na escola nos anos iniciais –, em Várzea Grande/MT para conclusão do curso de Pedagogia. Durante o estágio, analisou-se a importância da Contação de Histórias como recurso no processo de ensino-aprendizagem e sua utilização na alfabetização das crianças dos primeiros

anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, observou-se que as formas tradicionais direcionadas ao ensino de leitura e de escrita não são suficientes para o ensino-aprendizagem das crianças.

Diante disso, dos problemas que se investiga neste trabalho é: a contação de história é vista como recurso no processo de ensino-aprendizagem? E, como despertar a imaginação, a criatividade, a curiosidade e o gosto pela leitura nas crianças?

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a importância da contação de história como recurso no processo de ensino-aprendizagem e, mais especificamente, citar habilidades que o contador/narrador deve ter ao contar histórias e elucidar diferentes maneiras de se contar histórias.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a bibliográfica, ou seja, pesquisa em livros de autores consagrados sobre o tema e a pesquisa de campo, observação em sala de aula durante o estágio, aplicação de um questionário semi estruturado que foi respondido pelas professoras regentes das duas classes do primeiro ano da escola em questão, no mês de abril de 2017.

Propõe-se, dessa forma, verificar a importância da contação de história como recurso no processo de ensino-aprendizagem para permitir que a criança entre no mundo da imaginação, e aprenda a construir seu conhecimento e suas referências para a vida, tornando-se um cidadão ético e, moralmente, ilibado no meio em que vive.

2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

A contação de histórias é uma das artes mais antigas de que se tem informação, é uma atividade essencial que possibilita construção de conhecimentos de valores, sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, desde a alfabetização até a sua formação moral e ética.

Abramovich afirma que:

É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1977, p. 16).

O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades, a criança tende a compreender que a educação e a “sabedoria” de seus pais estabelecem uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva desses ouvintes venha à tona; levando-os a ser quem são.

Para Kraemer a tradição de contar história:

Está cada vez sendo substituída em parte pelo hábito de se ligar a televisão, de deixar as crianças assistindo intermináveis horas de desenho animado ou filmes. Não podemos impedir que as crianças assistam à televisão, aos desenhos animados e a filmes, mas podemos e devemos delimitar o tempo e reservar algumas boas horas para o convívio pessoal e o cultivo da narração e da tradição oral. (KRAEMER, 2008, p. 8)

Nessa perspectiva, para cultivar o convívio pessoal, efetivamente deve-se reservar tempo com as crianças para conversas, contando o passar do dia a dia em forma de narração e, assim, desenvolvendo a oralidade e a expressão corporal; acentuando a importância do ler e formando conhecimentos de mundo. Ao pensar que a habilidade de solucionar problemas está diretamente relacionada ao pensamento crítico e que as palavras são as ferramentas que estruturam nosso pensamento, então, compreende-se o valor do fortalecimento da linguagem como alicerce do conhecimento.

Já a história contada pelo professor, desenvolve o comportamento e inicia-se o ensino-aprendizagem da criança. Além disso, amplia o vocabulário, o gosto pela leitura e, por conseguinte, acesso a todo um repertório cultural.

Abramovich afirma que ouvir história:

Pode estimular o desenho, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ver de novo (a mesma história ou outra). Afinal tudo pode nascer dum texto, criar asas e estimular aprendizagem. (ABRAMOVICH, 1977, p. 23).

Lendo histórias para as crianças, o narrador, também, aproveita a oportunidade para “viajar” na mesma, é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar o enredo, o narrador estabelece com os ouvintes um clima de cumplicidade, por isso, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e personagens ganham vida; transformando tanto o narrador como o ouvinte.

O contador/narrador, ao ensinar, aprende juntamente com as crianças, levando seus ouvintes a compactuar com ele, fazendo parte da história, seja como coadjuvante ou até mesmo como o vilão dessa história, utilizando de uma forma alternativa e talvez mais interessante de se ensinar e aprender.

Abramovich diz que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Ao se ouvir e, conforme a história, o ouvinte “viaja”, sentindo as emoções, como se estivesse fazendo parte da mesma, localizando-se como um dos protagonistas dela. Em outras palavras, seja como herói ou vilão, o importante é o narrador fazer com que o ouvinte se “introduza” dentro da história, somente assim o narrador saberá que está contando a história conforme o ouvinte deseja ouvir.

Abramovich ressalta que:

Contar história é uma arte... e tão linda!!! Daí que QUANDO SE VAI LER UMA HISTÓRIA – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante. (ABRAMOVICH, 1997, p. 18).

É nesta hora que o narrador deve escolher uma história de acordo com o momento presente em que a criança se localiza no espaço e no tempo, sabendo discernir o texto para que a criança se localize e se faça presente dentro da história.

Para Abramovich:

Não é de hoje que editoras colocam nas estantes de livrarias belíssimas publicações totalmente sem texto. Ou melhor, com narrativa apenas visual, onde toda a história é contada através de desenhos ou fotos, sem nenhuma palavra. Também existem livros em que algo do que foi desenhado se move pela página, e outros em que há partes recortadas, permitindo que se formem figuras novas e divertidas ou cenários diversificados Para encantamento e fascinação completa das crianças. (ABRAMOVICH, 1997, p. 18).

O autor do livro gráfico, sem textos e ou palavras, descreve com seus desenhos e gravuras toda uma história que leva o olhador/leitor a um mundo imaginário repleto de fantasias, com mensagens que podem ir além do olhar do autor conforme o olhar do leitor.

Referente a esses livros Abramovich explica que:

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são, sobretudo, experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo. (ABRAMOVICH, 1997, p. 13).

As gravuras e ou desenhos levam o leitor/olhador a um mundo que pode levá-lo além do olhar do autor, mas também ao olhar do leitor conforme este assimila as gravuras e ou desenhos. O livro com gravuras desperta interesse nas crianças, fazendo-as, sozinhas, apreciar e manusear o livro até escolher o próximo livro com encantamento e fascinação pelas gravuras e desenhos.

Uma história presente hoje que presenciamos diariamente são as charges feitas pelos cartunistas em jornais, sejam escritos ou virtuais que comumente são elaborados para chamar a atenção dos leitores sobre o que se passa no Brasil, principalmente com referência aos políticos e a jogadores.

Para Zilmerman a literatura no Brasil apresenta:

Um campo de trabalho tão extenso e desconhecido, que ocorre com o investigador o que se passou com Cristóvão Colombo: pensa-se ter descoberto o caminho para as Índias quando, de fato, mal se tangenciou um continente inexplorado, cujo perfil ainda está por ser definido. (ZILMERMAN, Regina, 2003. p. 11).

A autora argumenta que a literatura infantil no Brasil ainda se tem muito a trabalhar, com novas histórias, novas formas de se contar histórias, levando o narrador e o ouvinte descobrirem novos caminhos para se contar uma história.

Deve-se atentar para o conteúdo da história, visto que, ao pensar-se que terminando a leitura foi levado aos ouvintes aquilo que se queria relatar, quando na verdade transmitiu-se uma mensagem totalmente diferente da elucidada pelo autor.

Sobre a forma de comunicar a mensagem na contação de história Zilmerman fala que:

Este tipo de arte com a palavra divide-se ente uma aptidão poética e um apelo externo do adulto à doutrinação da criança, patenteia-se sua inscrição social, que não deixa de ser também a de toda literatura, Nessa medida, valida-se a reflexão crítica sobre sua natureza, pois representa, de um lado, a interrogação sobre os vínculos ideológicos da manifestação artística... e, de outro o desenvolvimento de um dos processos – espelhando, portanto os demais – de dominação da infância (no que colabora com sua emancipação) (ZILMERMAN, 2003. p. 11/12).

É de se esperar que todo narrador deva ter em sua consciência que a literatura infantil é para elevar a criança a ter sonhos, discernimento entre o certo e o

errado, ter prazer em ler sempre durante a vida, não só literaturas, mas outros tipos de leituras tais como: notícias do dia a dia, participando da história de sua atualidade como cidadão democrático.

Sabendo que a leitura de uma história levará o ouvinte a despertar seu senso crítico, o contador deve envolver a criança com responsabilidade e atenção, bem como desenvolver uma leitura que, ao final todos tenham compreendido a mensagem, e nela inculcando valores sociais de acordo com o meio em que vivem.

Segundo Kraemer:

Na interpretação da psicanálise, o simbolismo dos contos maravilhosos está ligado aos dilemas que as pessoas enfrentam ao longo de seu amadurecimento emocional, eles revelam os conflitos e apontam as formas de superá-los. (KRAEMER, 2008, p. 7).

Nesse contexto a autora revela que a formação do adulto que se formou ouvindo e/ou lendo contos, será de um cidadão apto a superar os conflitos do dia a dia.

Ainda no dizer de Kraemer:

Fanny nos faz refletir sobre a importância e a necessidade de partilhar experiências de leitura, de falar da relação apaixonada que às vezes acontece entre leitor e determinados textos. Ocorreu-me que esta seria, talvez, a maneira mais sensata, eficaz e significativa de trabalhar leitura na escola, desde as séries iniciais: mostrar que ler não é apenas uma “atividade escolar” a mais, mecânica e descontextualizada, mas uma atividade vital, que precisa ser, desde cedo, plena de significação. [...] qualidade: o tempo todo da leitura prazer, da leitura que nos acompanha pelo resto da vida, da leitura fonte inesgotável de experiências insubstituíveis (2008, p. 7).

Aqui se ressalta a importância tanto da leitura como do narrador que tem paixão pela leitura. Mostra-se que trabalhar a leitura tem que ser efetuada com “gosto e prazer”, pois, esta é uma das partes integrantes que fará da criança um adulto leitor/narrador.

Sabendo-se que o narrador nesta fase poderá estar partilhando suas experiências com sensibilidade, antecipando aos seus ouvintes com uma observação mais descontextualizada, trabalhando a compreensão do texto, a interpretação pessoal de cada um sobre o tema narrado, com esta estratégia o narrador levará o ouvinte à oportunidade de manifestar e narrar seus sentimentos e frustrações, que poderão ser trabalhados em roda de conversa.

A contação de história traz também a possibilidade de contextualizar o conteúdo escolar de forma interdisciplinar, lúdica e prazerosa. Ao contar uma história, podemos oferecer aos estudantes um momento pedagógico diferenciado, encantado e livre de padrões que regem as salas de aulas; possibilitando que as aprendizagens aconteçam por diferentes formas. Tal recurso pedagógico também permite a contextualização do conteúdo escolar, contribuindo para um processo de ensino aprendizagem mais significativo e afetivo.

Com isso, o professor/narrador/contador de histórias deverá procurar sempre diversos artigos/textos/histórias para ajudar na sua prática em sala de aula, economizando tempo e energia, além de cativar a atenção de seus alunos e sua vontade inata de aprender. Por mais que às vezes acreditemos que isso seja impossível, os ajudarão a lidar melhor com a indisciplina dos alunos em sala de aula, incentivar o gosto pela leitura em seus alunos e a cuidar da saúde física e emocional, sua e de seus alunos.

Percebeu-se que na contação de história é possível utilizar diferentes formas de textos como recursos didático no processo ensino-aprendizagem, podendo, assim, proporcionar uma metodologia alternativa mais eficiente baseada na leitura de diversos tipos de textos; sendo utilizados contos, charges, fábulas; entre outros.

São textos que mantêm uma estrutura fixa, partindo de um problema (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com introdução de elementos mágicos: fadas, bruxas, duendes, gigantes entre outros. A restauração da ordem acontece no final da narrativa, quando se volta a uma situação de tranquilidade.

História é uma narração fantasiosa com bases verídicas, pode ser lenda, conto, fábula, novela, história em quadrinhos etc. Algumas conhecidas estórias são: Os Três Porquinhos, Patinho Feio, Chapeuzinho Vermelho etc.

O conto é uma obra de ficção, fantasia, definida por sua extensão mais curta do que o romance. O conto mais contado é o da Bela Adormecida, principalmente, para meninas. A Bela dorme por cem anos até que surge um príncipe que a beija e ela desperta do sono profundo, eles se apaixonam, se casam e vivem felizes para sempre. O que faz com que o imaginário das meninas fantasie a espera do príncipe encantado.

Fábula é um jogo ou narrativa, são curtas em prosa ou versos, cujos personagens são animais e fazem parte da literatura infantil, podem ser escritas em prosa e versos, são educativas; trazendo uma moral no final, a qual pode ser, também, explorada em sala, pois remete-nos a valores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a elaboração do presente trabalho, foi realizada pesquisas bibliográficas; observação e durante o Estágio Supervisionado efetuado na Escola Municipal de Ensino Básico – EMEB –, no Município de Várzea Grande/MT e, pesquisa de campo.

Através dos resultados obtidos, analisou-se importância da Contação de Histórias como recurso no processo de ensino-aprendizagem e sua utilização na alfabetização das crianças nas séries iniciais do ensino básico. Além disso, foi possível perceber que a construção da identidade, autonomia e como cada criança interage de forma a dar aos professores/contadores de história uma base de desenvolver as habilidades psicomotoras e cognitivas.

Nessa fase em que a aprendizagem é uma busca constante pela curiosidade do saber, encontra-se na contação de história uma práxis educacional fundamental para o desenvolvimento integral da criança em seu aspecto físico, afetivo, psicológico e social, complementando a ação da família e da Escola.

Efetuuou-se uma pesquisa através do questionário aplicado a duas professoras, sendo que uma delas foi a regente da sala onde foi realizado o Estágio. Nesse contexto, se detectou o problema da contação de história como recurso no processo de ensino-aprendizagem e, de acordo com as respostas delas, chegou-se à conclusão do quanto é importante a utilização deste recurso.

Cabe apontar que as mesmas não tiveram formação neste quesito devido à faculdade não oferecer disciplina e nem curso de extensão nesta área e, a Secretaria de Educação, também, não oferta nada referente ao tema.

Com a concordância das respostas, pode-se afirmar que a narração/contação de história é um precioso, que auxilia a prática pedagógica no processo de ensino-aprendizagem, permite alfabetizar, desenvolvendo nas crianças o gosto pela leitura e formando cidadãos com senso crítico mais elaborado. Por isso,

deve fazer parte do planejamento de aula de todo professor das séries iniciais do ensino básico.

Segundo as respostas ao questionário aplicado, a contação de histórias instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança; envolvendo o social e o afetivo.

E com base na formação das professoras e de suas respostas há de se efetuar uma discussão acerca de como formar contador/narrador de histórias com cursos de extensão para que os educadores possam ter mais habilidades na utilização do recurso da contação de histórias no processo de ensino aprendizagem, principalmente para os anos iniciais da educação básica.

4. CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho teve o objetivo de refletir sobre a importância da contação de história como recurso no processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, demonstrando os resultados obtidos na prática e elucidar diferentes maneiras de se contar histórias. Com isso, oferecer uma reflexão e fazer com que todos os interessados compreendam o que, e dar uma perspectiva de como se deve trabalhar o recurso da contação de história no seu processo de ensino aprendizagem dos anos iniciais do ensino básico. Assim, colaborando para que o educador analise um sistema de levar aos seus alunos uma nova dimensão de como ouvir, assimilar e aprender, a ler e a contar histórias, também, levando seu interlocutor a “fazer” parte dessa história contada. Embora haja pouco interesse na procura de formação para ser um narrador/contador de histórias.

A Contação de não é apenas ensinar a ler ou transmitir conteúdos, e sim fazer com que as crianças atuem como leitoras motivadas e curiosas por mais informações, tornando um hábito a ser desenvolvido antes de a criança dominar a escrita.

Fica claro que a prática da contação de histórias, quando bem trabalhada, contribui de forma significativa e produtiva para a construção da aprendizagem das crianças dos anos iniciais. Nessa fase, a criança desenvolve seu senso crítico, passando a analisar duvidosamente e irrequieta, despertando gosto pelo saber em

si, se preparando para o valor moral da vida; tornando-se um adulto construtor de uma nova sociedade mais evolutiva.

Finalmente sabe-se que para se trabalhar com o recurso de contação de história deve partir do princípio da escolha de uma história que goste e deseje passar adiante, fazendo com que todos deem “asas” à imaginação, interagindo na história contada, deixando falar o seu coração e seduzindo os ouvintes para que todos desejem ouvi-la novamente.

Os educadores não podem se esquecer de que, para cada faixa etária, há um tipo de história. Por exemplo, há conto, textos lúdicos e, principalmente, de conformidade com a idade e o tamanho da história.

Para ser um narrador/contador de história, deve-se aprender a ouvir histórias, estudar, pesquisar, ensaiar a contar a história, conhecer as crianças, sua imaginação, sem a pretensão de ensinar ou formar a criança, mas, fazer com que ela aprenda a ter opinião própria, ter gosto por certo tipo de leitura, autor; partindo daí a ter interesse em novas leituras.

Outro aspecto importante é se lembrar de que, com o tempo, suas histórias ficarão mais fáceis de contar, ganharão vida, porque você estará acreditando nelas. Você pode, ainda, cantar, dançar, usar sotaque. Antes de começar a história, organize um espaço sem muitos objetos, elementos e movimentos que desviem a atenção de quem está ouvindo.

O Contador/narrador nunca deve se esquecer que a arte de contar histórias é o mais poderoso instrumento na educação, socialização e a formação do senso crítico/analítico das crianças. Por isso, deve-se considerar o local e a hora, bem como, o que quer e qual história contar, para despertar a fantasia, a imaginação e o encantamento sobre a história contada.

“Mostrar o livro, folheando-o e por que não?” Deixando que cada ouvinte o manuseie primeiro. Abramovich (1997, p 26), com essas palavras, disse que o contar e o ouvir histórias é o começo de tudo, podendo surgir um mundo novo a ser descoberto ou ser vivido, dependendo de quem conta e/ou ouve.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

KRAEMER, Maria Luiza. **Histórias infantis e o lúdico encantam as crianças**. Campinas, SP; Autores Associados, 2008.

ZILMERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11, ed. rev. São Paulo: Global, 2003.